

O ANJO E O MONSTRO: REFERENCIAÇÃO E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA NA PROGRESSÃO TEXTUAL

Karina MENEGALDO

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O pressuposto deste artigo é demonstrar quais são as marcas opinativas que podem ser identificadas em textos jornalísticos por meio da observação da construção dos objetos de discurso. Para isso, foram analisadas as estratégias de referenciação empregadas nas construções dos objetos discursivos centrais de um caso amplamente abordado pela mídia jornalística: o caso Nardoni. A metodologia consistiu na identificação e na análise de todas as categorizações das principais cadeias referenciais edificadas, para estabelecer como ocorreram as construções dos objetos de discurso, longitudinalmente. Como resultado, após a análise de todos os textos, foi possível não apenas evidenciar a presença de uma orientação argumentativa, mas de demonstrar que elas constituem o principal recurso argumentativo.

Palavras-chave: Objeto de discurso; Referenciação; Orientação argumentativa; Mídia; Texto.

THE ANGEL AND THE MONSTER: REFERENCE AND ARGUMENTATIVE ORIENTATION IN TEXTUAL PROGRESSION

Abstract: this paper intends to demonstrate which are the opinionated marks that can be identified in journalistic texts through the observation of the construction of the speech objects. For this, the referencing strategies used in the construction of the central discursive objects of a case widely addressed by the journalistic media were analyzed: the Nardoni case. The methodology consisted of the identification and analysis of all the categorizations of the main built reference chains, to establish how the construction of the speech objects occurred, longitudinally. As a result, after analyzing all the texts, it was possible not only to demonstrate the presence of an argumentative orientation, but to demonstrate that they constitute the main argumentative resource.

Keywords: Objects of discourse; Referencing; Argumentative orientation; Media; Text.

EL ÁNGEL Y EL MONSTRUO: REFERENCIACIÓN Y ORIENTACIÓN ARGUMENTATIVA EN LA PROGRESIÓN TEXTUAL

Resumen: El supuesto de este artículo es demostrar cuáles son las marcas de opinión que pueden ser identificadas en textos periodísticos por medio de la observación de la construcción

de los objetos de discurso. Para ello, se analizan las estrategias de referenciación utilizadas em las construcciones de los objetos discursivos centrales de um caso amplamente abordado por la media periodística: el caso Nardoni. La metodología consistió em la identificación y em el análisis de todas las categorizaciones de las principales cadenas referenciales establecidas, para aclarar cómo ocurrieron las construcciones de los objetos de discurso, longitudinalmente. Como resultado, después del análisis de todos los textos, fue posible no sólo evidenciar la presencia de una orientación argumentativa, sino demostrar cómo y dónde dichas construcciones aparecen em el proceso de elaboración de los objetos de discurso em los textos periodísticos.

Palabras-clave: Objeto de discurso; Referenciación; Orientación argumentativa; Medios de comunicación; Texto.

1. DELIMITANDO O TEMA: A MORTE DE UMA CRIANÇA COMO FATO NOTICIOSO

Apesar de se tratar de um fato jornalístico datado de alguns anos, o caso Nardoni teve uma cobertura jornalística que o caracteriza como um fato noticioso¹, pela abordagem dada pela mídia jornalística impressa à época do ocorrido. A escolha desse corpus para a demonstração das características opinativas presentes na construção dos objetos de discurso se deve, especialmente, ao fato de que as nominalizações e outros recursos utilizados para edificar os objetos de discurso possuem um caráter opinativo evidente, e, de certa maneira foi uma cobertura que apresentou um formato de notícia opinativa, mantendo uma estrutura de neutralidade, ou seja, praticamente com a ausência de predicacões. Dito isso, podemos dizer que observar essa cobertura nos levou ao seguinte a retomar uma questão levantada no início da crise jornalística da pós modernidade: é possível construir um texto jornalístico sem opinião?

Alinhando nossa abordagem de análise à afirmação dos estudos recentes de Cavalcante (2017) de que “todo texto apresenta uma dimensão argumentativa”, entendendo que a resposta ao questionamento anterior é não, este artigo busca demonstrar uma visão crítica dos recursos de um texto. E para mostrar os elementos textuais de reafirmação desse postulado dos estudos de Cavalcante (2017), mostraremos como e onde elas aparecem no processo de construção dos objetos de discurso nos textos jornalísticos. Para tanto, analisamos as estratégias de argumentação envolvidas na construção de objetos de discurso centrais, *caso*, *assassino* e *Nardoni*, utilizando-nos de matérias sobre o fato, veiculadas em *Veja*, revista publicada semanalmente pelo grupo Abril.

¹ A definição de fato noticioso está baseada no texto “de “Barthes” Structure du fait divers. In : Essais critiques. 1964. Disponível em: < <https://victorianpersistence.files.wordpress.com/2012/03/barthes-structure-du-fait-divers1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

O nosso principal objetivo foi demonstrar, por meio da análise linguística do processo de referenciação das reportagens, a presença de uma intencionalidade discursiva, que aparece nas categorizações, algo presente obrigatoriamente em todos os textos. O que nos cabe demonstrar, portanto, é como elas são feitas e quais são os fatores que tornam possível identificá-la nos textos.

O teor argumentativo nos textos analisados é um dos fatores que põe em xeque a apregoada neutralidade dos discursos jornalísticos, o que corrobora para a crise de credibilidade atual da imprensa, conforme apregoa Latour (2009). Parte dessa crise de credibilidade no que tange à questão da fator opinativo ocorre porque espera-se normalmente a presença de opinião apenas em textos classificados opinativos, pelos veículos de imprensa. No entanto, o que vamos apresentar é que a opinião, em menor ou maior grau, estará sempre presente na escolha das categorizações escolhidas para descrever ou narrar um fato ou alguém.

Para apresentar como é realizada a argumentação por meio da escolha das categorizações presentes na construção dos objetos de discurso, este estudo procedeu com a análise dos textos apoiando-se em teorias pertencentes à Linguística Textual, com o auxílio de teorias jornalísticas. E buscou marcas textuais envolvidas principalmente no processo de construção de objetos de discurso, baseando-se na teoria de referenciação, para analisar a abordagem que a revista citada deu ao caso Nardoni, nos textos jornalísticos que integram o estudo. Neste contexto de análise os termos referente e objeto de discurso serão abordados indistintamente, alinhando-se aos estudos de Cavalcante (2010).

O caso Nardoni, como ficou conhecido, ocorreu em 29 de março de 2008. Uma menina, chamada Isabella Nardoni, morreu após a queda da janela do sexto andar de um edifício residencial na cidade de São Paulo, local onde seu pai morava. A mídia jornalística pôs o caso em foco por várias semanas. O pai, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Anna Carolina Jatobá, tornaram-se suspeitos desde o início. O caso ficou conhecido pelo sobrenome do pai, Nardoni.

A importância da escolha desse fato para análise deu-se, especialmente, pela grande repercussão e agressividade com que foi abordado pela mídia jornalística brasileira. Dentre todos os veículos jornalísticos que retrataram o ocorrido, a escolha da revista *Veja* foi guiada, em especial, pelo título da primeira matéria a abordar o caso, “*O Anjo e o Monstro*”, que apontou para a existência de uma linha de abordagem argumentativa.

O recorte escolhido, revista *Veja*, seguiu o critério de ocorrência de matérias sobre o tema. O tempo transcorrido da primeira edição a conter reportagens sobre o caso até a última edição consecutiva da revista a apresentar menção ao crime, compreende um total de sete edições. Somado a esse total, utilizou-se ainda a primeira edição posterior ao julgamento, por compreender importância de fechamento da cobertura.

Após a abordagem ao caso, em sete edições seguidas, ou seja, por sete semanas, a revista apresentou escassez de matérias em três edições relacionadas ao caso, o que foi, segundo os critérios adotados, identificado como um indicativo de perda de interesse e ausência de novas informações sobre o fato, característica comum a um fato noticioso.

O exame das matérias se propôs à averiguação de marcas de argumentação nos textos, por meio da análise dos referentes textuais utilizados e das estratégias envolvidas na construção dos objetos de discurso centrais, *assassino, Nardoni e caso*, individualmente, em cada uma das matérias das oito edições.

Após o processo de exame das reportagens, foi realizada a análise comparativa dos dados apurados, tornando possível algumas considerações utilizando-se, nessa etapa da pesquisa, além das teorias linguísticas para referenciação, teorias de argumentação linguística e jornalística, valoração do léxico empregado e de estratégias textuais em textos argumentativos.²

2. A REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA

Há um consenso entre os pesquisadores no que se refere à referenciação. A ideia de construção dos objetos de discurso como um processo, defendida por Mondada (1994) e Apothéloz (1995), trazida ao Brasil inicialmente por Koch (1999) e, especialmente, desenvolvida por Koch (2004; 2009), Koch e Elias (2006; 2009), Marcushi (2005; 2008) e Cavalcante (2003), apregoa que a construção gradativa do objeto de discurso ocorre em contexto sociocognitivo interacional, ou seja, os processos cognitivos operados pelo leitor sofrem a influência direta do meio social, sendo processados em sua mente a partir das percepções, valores e conceitos compartilhados na sociedade em que está inserido. De acordo com os pressupostos compartilhados

² O artigo apresentado é proveniente de uma pesquisa filiada ao Grupo de Estudos do Texto (Getexto), pertencente ao curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), liderado pelo Prof. Dr. Paulo Eduardo Ramos.

por eles, os objetos se constroem no interior e ao longo do texto, concepção de que a construção ocorre através de um processo.

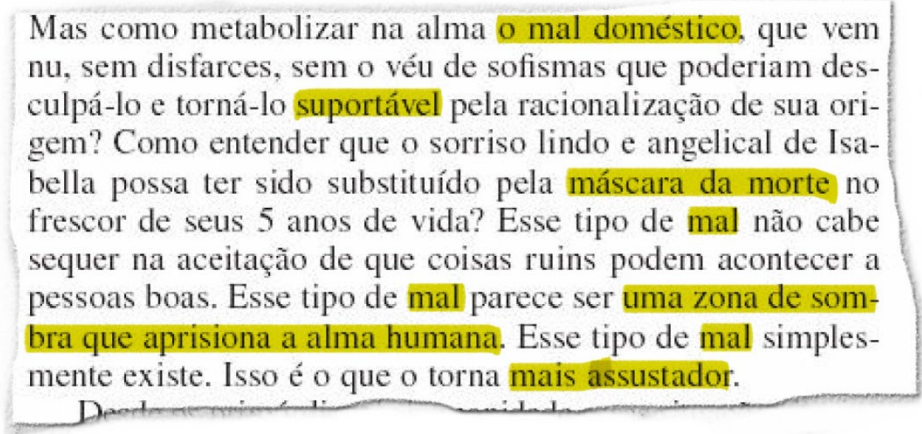
Tendo em vista que os objetos de discurso são construídos no texto em representação aos objetos de mundo, eles caracterizam uma nova construção e não a transposição do real para dentro do texto. Cabe ressaltar aqui que o termo construção não significa que as informações são dissociadas da realidade, mas que os elementos utilizados na edificação dos objetos discursivos são escolhidos e trazidos para o texto com um determinado propósito discursivo. Os elementos textuais inseridos no processo de criação podem agregar informações, sumarizar ou simplesmente promover a coesão através da progressão.

Revisando a trajetória dos estudos sobre a referenciação no Brasil, faz-se necessário trazer a este texto o conceito de Blikstein sobre o real, a realidade, utilizado por Koch (2009), precursora dos estudos brasileiros de referenciação, para explicar a construção dos objetos discursivos, torna claro o caráter desses objetos ao descrever o real como “um produto de nossa percepção cultural” (op. cit., 2009, p. 77). Essa concepção se traduz na ideia de que os elementos textuais não são simplesmente introduzidos no texto espelhando a realidade externa. Essa abordagem apresenta os objetos de mundo como o produto de nossas experiências culturais, ou seja, o que chamamos de realidade é na verdade um conjunto de conceitos sociais pré-estabelecidos socialmente e reforçados constantemente pela linguagem. A construção desses objetos no interior do discurso, ocorre, inclusive, por meio da interação entre as experiências e intenções transmitidas pelo autor, em seu discurso, e os conhecimentos e conceitos ativados pelo leitor, ao lê-lo.

Pode-se dizer que a referenciação textual se traduz na inserção de componentes lexicais no texto, como estratégia discursiva de edificação e caracterização de um assunto e ou indivíduos de um discurso. Para Mondada e Dubois (2003), a introdução do objeto funciona como uma primeira categorização e suas categorizações seguintes como recategorizações do mesmo objeto.

Tomando, então, esse conceito como base, podemos explicar a referenciação como uma estratégia discursiva que consiste em categorizações e recategorizações de objetos de discurso, dentro do texto, retomados de maneira progressiva. Como amostra do que estamos explicando, apresentamos o trecho a seguir, com a progressão referencial do objeto *caso*, categorizado

inicialmente no título da matéria com a catáfora *mal*. O objeto é retomado e recategorizado ao longo do texto, como pode ser visto no parágrafo destacado:



Mas como metabolizar na alma **o mal doméstico**, que vem nu, sem disfarces, sem o véu de sofismas que poderiam desculpá-lo e torná-lo **suportável** pela racionalização de sua origem? Como entender que o sorriso lindo e angelical de Isabella possa ter sido substituído pela **máscara da morte** no frescor de seus 5 anos de vida? Esse tipo de **mal** não cabe sequer na aceitação de que coisas ruins podem acontecer a pessoas boas. Esse tipo de **mal** parece ser **uma zona de sombra que aprisiona a alma humana**. Esse tipo de **mal** simplesmente existe. Isso é o que o torna **mais assustador**.

Figura 1 – Quando o mal triunfa

Fonte: REVISTA VEJA Ed 2055, 2008

Os objetos são introduzidos e retomados através das anáforas, referência retrospectiva, ou por adiantamento, as catáforas. A progressão referencial ocorre, segundo Koch e Elias (2006), por intermédio de introdução, retomada ou desfocalização dos referentes, mecanismo que será explicitado a seguir. Nas matérias examinadas, três objetos foram destacados nas reportagens analisadas como centrais ao discurso, *caso* e *assassino* (ambos introduzidos primeiramente em sentido coletivo) e *Nardoni*. Para a construção do objeto *caso*, foram usados diversos referentes, como *O Mal*. Observemos a seguir o processo de introdução catafórica do objeto citado.

Quando O Mal Triunfa

Crianças assassinadas, abandonadas, torturadas – as notícias que têm chocado o Brasil lembram que o lado monstruoso do homem pode até ser contido, mas jamais será definitivamente domado. (REVISTA VEJA Ed. 2055, 2008).

O exemplo mostra a introdução do objeto catafórico *O Mal*, iniciando a construção do referente posteriormente exposto: *Crianças assassinadas, abandonadas, torturadas*. Após sua introdução, a progressão do objeto ocorre com a inserção de outros elementos utilizados para referenciá-lo.

Dando continuidade à análise é possível ver, nos fragmentos a seguir, a introdução anafórica do objeto *monstro*, para designar o objeto *assassino*. Sua ativação ocorreu de maneira

ancorada ao referente *monstruoso*, por associação a um referente anteriormente empregado em outra matéria pertencente à reportagem da edição. Através dos grifos dos trechos, é possível verificar a associação do referente *monstro* à âncora *monstruoso*.

Trecho 1 (Âncora):

Crianças assassinadas, abandonadas, torturadas – as notícias que têm chocado o Brasil lembram que o lado monstruoso do homem pode até ser contido, mas jamais será definitivamente domado. (REVISTA VEJA Ed. 2055, 2008).

Trecho 2 (Anáfora por associação ancorada):

O Anjo e o Monstro

A polícia procura assassino de Isabella e pode ouvir o irmão mais novo, que estava no apartamento de onde a menina caiu. (REVISTA VEJA Ed. 2055, 2008).

Nota-se que o referente *monstro* utilizado para designar o objeto *assassino*, de Isabella Nardoni especificamente, está associado à âncora *monstruoso*, introduzida para designar o objeto *assassino* em sentido amplo. A associação conecta, por extensão de sentido, as características do objeto âncora ao objeto ancorado, associando-os através de uma cadeia de significados, que os dois passam a partilhar.

A introdução de um novo objeto no texto, geralmente ocorre por ativação não ancorada, por tratar-se de uma primeira categorização do objeto de discurso. Porém, também é possível introduzir um objeto de maneira associada a outro objeto já presente, no intertexto ou cotexto, promovendo uma ativação ligada a outro objeto introduzido anteriormente.

Cabe lembrar que a ativação referencial ancorada só ocorre retrospectivamente à âncora, ou seja, de maneira anafórica. Dentre as formas de ocorrência das ativações ancoradas estão as anáforas indiretas e as associativas. Para Koch e Elias, as anáforas associativas são “todas aquelas em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma, ingrediente do outro” (op. cit., 2006, p.128); já a anáfora indireta remete à âncora de maneira indireta, não explícita, dependendo, ainda conforme as autoras, de inferências conceituais do leitor para sua interpretação.

3. O PODER DE ARGUMENTAÇÃO DAS ROTULAÇÕES

Ao introduzir no texto um elemento que nomeia o conjunto de informações ou designa o objeto, de acordo com Koch, as informações ou designações são sumarizadas, encapsulando ou rotulando o objeto. Assim como a introdução de um objeto novo, a rotulação também pode estar ancorada a outros elementos do texto, mas a ligação não é feita por associação direta ou indireta, e sim através do encapsulamento dos elementos associados.

Seguindo com a especificação adotada por Francis (2003), esses rótulos podem ser incluídos tanto de maneira prospectiva (cataforicamente), inserindo um referente que adiante o objeto, como retrospectiva (anaforicamente), promovendo a retomada e conseqüente progressão do objeto inserido, situação na qual pode ter sua ativação ancorada a outro objeto ou não.

O exemplo de sumarização prospectiva destacado foi extraído de um trecho da matéria *Frios e Dissimulados*, no qual *espetáculo de frieza e dissimulação* funciona como um rótulo catafórico que nomeia as informações colocadas nas legendas explicativas de dois quadros da matéria, que formulam uma hipótese sobre o crime.

Observe nos extratos a seguir:

Rótulo prospectivo:

Em seguida, o casal deu início a seu espetáculo de frieza e dissimulação.

Informações sumarizadas:

- 1- Assim que Isabella caiu, Anna Carolina telefonou para o pai. Em seguida, Nardoni ligou para o seu e só então desceu para ver a filha caída;
- 2-Anna Carolina desceu em seguida, com seus dois filhos, e começou a gritar que o prédio não tinha segurança. Dirigiu palavrões a todos à sua volta e chamou o marido de incompetente. (REVISTA VEJA Ed. 2057, 2008).

Partindo da observação dos elementos utilizados na criação de um rótulo é possível analisar a argumentação existente. Observe a seguir outro exemplo, retirado da reportagem da edição publicada imediatamente após o julgamento:

Rótulo prospectivo:

A condenação exemplar de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá pelo homicídio triplamente qualificado da menina fecha um ciclo de dor para os que a amavam e reacende um horror generalizado ao comprovar que aquilo que parecia cruel demais para ser verdade de fato ocorreu.

Informação sumarizada:

Uma criança de 5 anos de idade foi asfixiada por sua madrasta e lançada viva da janela por seu pai – que, ao vê-la caída no solo, em lugar de socorrê-la, ocupou-se da tentativa de salvar a própria pele e a da mulher [...]. (REVISTA VEJA Ed. 2158, 2008).

No exemplo anterior, *aquilo que parecia cruel demais para ser verdade* funciona como um rótulo prospectivo do que virá a ser relatado. Ao encapsular as informações do segundo trecho, o jornalista apresenta sua opinião através do parecer que oferece ao leitor com a composição do rótulo, que corresponde a algo impensável ou inimaginavelmente desumano. Sendo assim o leitor teve a informação sobre parte do ocorrido precedida por uma sugestão de como interpretá-la. Caso o rótulo fosse, por exemplo, *aquilo a que todos temíamos*, a interpretação apresentada sobre o fato seria outra, provavelmente de decepção com a confirmação da culpa dos acusados ou até mesmo um desgosto em relação à maneira como ocorreu o crime.

Para melhor compreender o carácter argumentativo na utilização do rótulo exposto, reproduziremos trecho de Koch (2010) sobre a orientação argumentativa presente na inclusão de rotulações:

Tanto as expressões nominais (definidas e indefinidas), quanto os rótulos são recursos importantes para levar o leitor em direção às conclusões desejadas, isto é, para que o leitor apreenda a orientação argumentativa do texto. Daí a importância de selecionarmos aquelas expressões nominais e aqueles rótulos mais indicados para revelar o projeto de sentido. (op. cit.; p. 154)

Francis diz ainda que um rótulo prospectivo (catafórico) tem por função “dizer ao leitor o que esperar” (op. cit., p. 195). Diferentemente, segundo o autor, quando um rótulo é anafórico aponta ao leitor como parte do discurso deve ser interpretada, sendo apresentada como equivalente de orações nomeadas pela primeira vez na sumarização retrospectiva. Francis pontua ainda que a referência do rótulo retrospectivo pode ser por vezes difusa. Veja:

Os advogados cumprem o seu papel, mas se espera que o relatório final da polícia, a ser entregue ao Ministério Público nesta semana, depois da reconstituição do crime, seja cuidadoso o suficiente para evitar que se lance uma cortina de fumaça sobre a brutalidade que ceifou a vida da pequena Isabella. (REVISTA VEJA Ed. 2056, 2008).

Tomando a análise do fragmento precedente, o componente referencial grifado, *brutalidade*, exerce função tanto de referente para o objeto *crime*, quanto rotula as descrições dadas pela jornalista sobre como teria ocorrido o crime.

Porém, retomando a definição de Francis, como rótulo retrospectivo é muitas vezes difuso, não é possível, no extrato acima, estabelecer exatamente em qual, ou quais, trechos do texto a rotulação anafórica sumariza. Todavia, um rótulo é uma categorização que nomeia e fornece ao leitor uma interpretação dos fatos.

4. O PAPEL DAS RECATEGORIZAÇÕES, DESFOCALIZAÇÕES E AS CADEIAS REFERENCIAIS

Outro recurso argumentativo presente dentre as construções referenciais é a mudança de foco discursivo, na qual um referente pode ser recategorizado, ou seja, pode haver modificação ou adição de novas informações, passando a integrar outra categoria fora a que integrava anteriormente, com novo campo contextual e semântico.

No início da cobertura houve a recategorização do objeto *Nardoni* de *casal suspeito* para *assassinos*; com isso, novas informações foram agregadas ao objeto, não invalidando as já introduzidas anteriormente. Quando um objeto é recategorizado, as informações referentes a novas categorias vão sendo acrescentadas a ele, tornando-o parte de outras categorias além daquelas a que já pertencia. Observe a recategorização marcada com grifo no exemplo extraído do corpus:

Com base nos depoimentos colhidos durante a semana e nos resultados preliminares da perícia, os responsáveis pela investigação reconstituíram o crime colocando o casal suspeito na condição de assassinos. (REVISTA VEJA Ed. 2055, 2008).

Koch (2006) considera que a recategorização de um rótulo pode ter função predicativa e acarretar, assim, informações novas contidas na frase, dando continuidade ao texto, além de

sumarizar informações, promovendo a progressão do referente recategorizado, introduzindo uma nova informação a respeito do objeto já estabelecido.

O recurso de desfocalização promove a progressão do assunto retratado e a manutenção do discurso empregado podem gerar, muitas vezes, a necessidade de recorrer a novos objetos que podem se ligar aos já existentes, deixando-os ativados parcialmente. A desfocalização ocorre quando um novo objeto é colocado em destaque, desviando, ainda que temporariamente, o foco do objeto anterior. Em uma das matérias sobre o caso, por exemplo, em dado momento da cobertura, a mãe de Isabella Nardoni é citada, porém a cadeia referencial estabelecida no processo, não se mantém no foco discursivo por muito tempo, como pode ser visto no excerto a seguir:

Mesmo pessoas ligadas à família de Ana Carolina Oliveira, mãe da menina... Ana Carolina, que é bancária, já voltou a trabalhar. Por iniciativa da sua chefia, ela foi temporariamente afastada dos serviços de atendimento ao público e está incumbida de atividades administrativas. Entre 2004 e 2006, a mãe de Isabella estudou na Universidade Nove de Julho, onde se graduou no curso de formação específica em administração de recursos humanos. Durante o curso, além de trabalhar em empresas da área, ela vendia roupas e bijuterias para reforçar o orçamento. No início desta manhã de sexta-feira, data em que Isabella completaria 6 anos de idade, Ana Carolina visitou o túmulo da filha pela primeira vez.

A polícia tenciona pedir a prisão preventiva de Nardoni e Anna Carolina. Se forem condenados ao final do processo, a morte de Isabella não será a única e aterradora culpa que carregarão. Eles são pais de duas crianças, cuja vida estará para sempre marcada pelas cenas a que elas – muito provavelmente – assistiram aterrorizadas. (REVISTA VEJA Ed. 2056, 2008).

A evidência de uma nova cadeia discursiva promove uma desfocalização. No exemplo anterior, podemos observar esse recurso quando a cadeia referencial instituída para o objeto *caso*, que estava em evidência e constitui o foco discursivo de toda a cobertura, sai do centro da narrativa temporariamente em detrimento de uma nova cadeia, estabelecida na construção do objeto *mãe de Isabella*.

A matéria possui a desfocalização do objeto *caso* para novo objeto associado, *mãe de Isabella*. Todavia, por não compor o objetivo discursivo primordial à cobertura jornalística, a focalização da exposição foi novamente alterada para o objeto central. Pode-se dizer, ainda assim, que o objeto *caso* manteve-se parcialmente presente no discurso por meio da ligação existente

com a *mãe*, ou seja, a nova cadeia referencial estabelecida está associada a anterior, apesar de não manter-se no foco do discurso.

Ao referenciar e recuperar sucessivamente um objeto ou componente consolidado a ele, segundo Koch e Elias (2009), *cadeias anafóricas ou referenciais* se formam no texto, associada as já existentes. No exemplo anterior, pode-se notar que a introdução do objeto discursivo *mãe de Isabella* é introduzido e construído através de retomadas, formando uma nova cadeia referencial paralelamente interligada aos objetos centrais.

5. O PROCESSO DE EDIFICAÇÃO DOS OBJETOS DISCURSIVOS

As primeiras categorizações dos objetos de discurso centrais do caso Nardoni foram introduzidas em uma matéria que engloba a narrativa de diversos casos tidos como hediondos. Os relatos envolvem casos que ocorreram em âmbito particular, como o desaparecimento de Madeleine McCann, menina inglesa de quatro anos que desapareceu em Portugal, no dia 03 de maio de 2007, durante a viagem de férias com a família; e em âmbito coletivo, como o genocídio em Darfur, oriundo dos conflitos que ocorrem desde 2003 no Sudão. As categorizações ocorreram tanto coletivamente, com referentes que designam o conjunto dos casos citados e seus autores, incluindo o caso Nardoni, quanto especificamente, com categorizações a respeito do fato e do seu autor, ainda desconhecido naquele momento.

Ao proceder com a escolha de elementos textuais que seriam introduzidos para a construção dos objetos discursivos, o jornalista selecionou informações e características pertinentes ao seu objetivo. Ao construir a imagem inicial do ocorrido conjuntamente à de outros casos amplamente conhecidos e que obtiveram grande comoção social, o jornalista associa-os, irreversivelmente. Fazendo com que as informações a respeito do caso fiquem armazenadas de maneira associada aos demais casos tidos como hediondos. Posteriormente ao pensar sobre o caso, os leitores automaticamente acessarão em suas mentes referentes comuns a todos os casos, interligados no discurso construído no texto.

Apesar do recurso de associação e estabelecimento de relação com outros fatos de natureza semelhante, visando uma espécie de retomada de um determinado assunto de interesse público, ser comum aos textos jornalísticos, recorreu-se para estabelecimento de

associação ao caso, a fatos repudiados pela opinião pública e de forte impacto negativo nos leitores.

Como exemplo dessa introdução associada é possível observar o título da primeira matéria analisada, destacada a seguir, que traz um objeto catafórico para todos os casos, condensando-os em uma introdução conjunta e ao mesmo tempo adiantando-os. Visto que ao adiantar uma informação ou característica do objeto antes de sua inserção, o autor promove uma interpretação prévia a respeito do objeto, através da caracterização antecipada de todos os casos que serão abordados no título “Quando O Mal Triunfa”.

O exemplo explicita a introdução do referente *mal* no título da reportagem, como catáfora do objeto *casos*, retratado ao longo do texto. *O Mal* adianta uma interpretação a respeito da essência compartilhada, representando-os de maneira coletiva e fazendo com que passem a possuir uma natureza associada. Desta maneira a leitura é iniciada pressupondo a descrição de fatos nocivos, hediondos.

O referente *mal* e suas predicções, *maldade* e *mau*, constituem o principal elemento utilizado na construção do objeto de discurso *casos*, na primeira matéria, operando como principal referente coesivo e promovendo a consequente amarração de todos os fatos relatados em um discurso único.

Através da progressão do referente *mal* e suas anáforas associativas, que são referentes introduzidos que estabelecem uma correspondência semântica e de inferência ancorada no mundo textual, como colocado por Koch (2009), permeiam a narrativa de todos os relatos, estabelecendo uma conexão entre a carga de valor de cada um dos casos abordados, tornando seus valores compartilhados, valores estes quase que exclusivamente de carga negativa.

Os referentes utilizados para designar o objeto *casos*, por extensão de sentido, por associação, transferem seu valor negativo e carga de significação aos autores de cada um dos crimes citados, que passam a agregar à sua imagem parte das características dos atos que praticaram.

Partindo da introdução do referente *mal*, outros foram sendo incluídos nas matérias de edições que seguiram à cobertura do caso, através da ativação ancorada, estabelecendo uma

correspondência; as informações e valores dos referentes utilizados na construção de um objeto são agregados ao referente ancorado.

As anáforas associativas estabelecem uma correferência entre o objeto introduzido inicialmente com a referenciação anafórica de um objeto introduzido posteriormente, ou seja, baseando-se no exemplo anterior, *mal* foi inicialmente introduzido cataforicamente para designar o conjunto de casos. Posteriormente, *mal doméstico* foi introduzido de maneira associada ao referente inicial *mal*. Seu sentido pode ser resgatado pelo leitor através da associação possibilitada pelo próprio texto. Desta maneira, sua existência e significado estão atrelados, dentro do texto, aos elementos textuais constituintes do objeto *casos*. O exemplo da introdução do objeto *mal doméstico*, associado à catáfora *mal* introduzida no título, pode ser visto do trecho que seguinte:

Mas como metabolizar na alma o mal doméstico, que vem nu, sem disfarces, sem o véu de sofismas que poderiam desculpá-lo e torna-lo suportável pela racionalização de sua origem? Como entender que o sorriso lindo e angelical de Isabella possa ter sido substituído pela máscara da morte no frescor de seus cinco anos de vida? Esse tipo de mal não cabe sequer na aceitação de que coisas ruins podem acontecer a pessoas boas. Esse tipo de mal parece ser uma zona de sombra que aprisiona a alma humana. Esse tipo de mal simplesmente existe. Isso é que o torna mais assustador. (REVISTA VEJA Ed. 2055, 2008).

Atentando-se à progressão estabelecida pela cadeia referencial, alguns referentes estritamente sobre o caso Nardoni foram incluídos. É possível notar o ancoramento estabelecido entre o referente *mal* e os referentes *assustador* e *zona sombria que aprisiona a alma humana*, presentes no trecho anterior. O sentido de cada um está conectado a *mal*, e, por conseguinte, entre si.

Ainda na primeira edição que abordou o fato, em uma matéria específica a respeito do caso Nardoni, há a introdução do referente adiantado, catafórico, para antecipar o objeto *assassino*, que no início da abordagem ao caso foi retratado de maneira impessoal. Este referente foi introduzido também no título da matéria em posição antagônica à Isabella Nardoni, para designar seu assassino: *O anjo e o monstro*, provocando o efeito vítima versus assassino.

O valor social compartilhado da palavra *monstro*, principalmente em contraste imediato a anjo, sugere ao leitor uma interpretação sobre o assassino de Isabella. As palavras, segundo

Citelli (2004), perdem a neutralidade quando contextualizadas. E no contexto da matéria, a introdução de *monstro* propõe a interpretação de uma pessoa cruel, monstruosa. Ao escolher esse objeto, a jornalista, optou por uma informação a ser transmitida.

Ao citar o caso Nardoni conjuntamente a outros, utilizando referentes em comum, e ao referir-se ao assassino de maneira genérica ao narrar o caso, a revista construiu uma imagem hedionda para o assassino de Isabella, em sentido não personificado. A imagem formada desse assassino desconhecido foi sendo construída pelo leitor a partir das informações e características fornecidas pela revista.

No momento da recategorização do objeto de discurso *Nardoni*, todas as informações utilizadas na construção da imagem do assassino desconhecido foram automaticamente transferidas para o assassino nominalizado, *Nardoni*, sendo assim, antes do início da abordagem do casal como assassinos da menina, o leitor já possuía uma imagem formada: a de que o casal era, de fato, e com cores de crueldade, responsável pela morte de Isabella.

Além da recategorização mostrada no trecho anterior, a progressão dos referentes de valorização negativa utilizados para o objeto *assassino*, não identificado, e transferida o casal, não permitiu ao leitor dissociar a imagem perversa do assassino genérico da do casal, pelo contrário, reforçou a ligação das primeiras informações à identificação do autor do crime. E juntas, a recategorização do objeto discursivo *Nardoni*, e a construção dos objetos *caso* e *assassino* interligadas a outros crimes, constituíram as maiores estratégias argumentativas dentro da cobertura ao caso.

6. A ARGUMENTATIVIDADE E O CONCEITO VALORATIVO

A teoria adotada por Citelli (2004) também foi considerada na análise, principalmente no tocante ao conceito de valorização das palavras, na qual o autor revisa pontos da visão apresentada por Bakhtin (1989) de que os signos se formam e se desenvolvem conforme o contexto social, e expõe a visão de que as palavras deixam de ser neutras quando contextualizadas.

Os textos possuem intencionalidade. As palavras que o compõem são escolhidas por seu autor, sendo que este possui preconceitos, conceitos, valores morais, valores culturais, ou seja,

é uma pessoa envolvida em um contexto social e que possui uma história. Suas opiniões, portanto, estão presentes no texto que escreve e nele tentará persuadir o leitor sobre o seu ponto de vista a respeito do que está escrevendo. Ainda que procure manter a neutralidade discursiva, as palavras empregadas e a construção delas no texto já são a interpretação do autor sobre o fato, a maneira como ele enxergou o que será exposto em seu texto.

Tomando por empréstimo o exemplo de Citelli (op. cit., p.28), de uma frase veiculada no jornal *Folha de São Paulo*, a respeito do acordo firmado entre o FMI e o governo argentino, em virtude da crise que a Argentina atravessava em 2003, é possível explicar melhor o valor do signo linguístico.

FMI faz acordo suave com a Argentina

O elemento *suave* colocado na frase demonstra que a *Folha de São Paulo* interpretou o acordo como favorável aos argentinos. Sendo assim, o autor diz que esse elemento é *valorativo, de julgamento*. Outro ponto colocado pelo autor é o efeito de abrandamento da imagem do Fundo Monetário. O sentido de valoração empregados nas análises segue a lógica de valoração do autor.

Grande parcela dos elementos empregados na construção dos objetos de discurso analisados no corpus possui caráter valorativo, de julgamento, conforme apresentado por Citelli (2004). Como no exemplo que se segue, no qual o termo *brutal*, utilizado na construção do objeto *caso*, explicita o valor que o autor atribui à natureza do ocorrido ao utilizar-se de um elemento de valoração negativa compartilhada para promover um julgamento de valor:

...aparentemente jogada da janela do 6º andar já seria por si só brutal.
(REVISTA VEJA Ed. 2055, 2008).

Partindo do exemplo anterior pode-se entender de que maneira é possível identificar a orientação argumentativa na construção dos objetos de discurso apresentados, ou seja, a argumentatividade está presente principalmente na escolha das palavras, expressões nominais e rótulos utilizados na construção dos objetos.

Os graus de argumentatividade podem variar, segundo Koch (1999), conforme o texto. Em produções jornalísticas, por exemplo, há gêneros que fazem parte de uma categoria

considerada mais ou menos opinativa. Há também textos mais persuasivos que outros, dentro de uma mesma categoria.

De acordo com o gênero apresentado, o leitor tende a saber, por conhecimentos prévios, qual o grau de argumentatividade esperado. Nas reportagens, constituintes de grande parte do corpus, por tratar-se de produções informativas, segundo Marques de Melo (2003). A partir da adoção dessa classificação, pode-se dizer que os leitores pressupõem um menor grau de argumentatividade, diferentemente do esperado, por exemplo, de artigos de opinião.

Ainda utilizando-se de Marques de Melo, que toma como base parte do agrupamento de gêneros realizado por Luiz Beltrão, os gêneros jornalísticos dividem-se primeiramente em duas categorias: opinativo e informativo. Dentro da categoria de gêneros informativos, figura, dentre outros, a reportagem, constituinte de grande parte do corpus, ou seja, espera-se de uma reportagem informações acerca de um assunto, sem julgamento, posicionamento ou opinião.

Porém, alguns dos textos informativos, como notado nas reportagens que constituem o corpus, possuem uma orientação argumentativa. O teor opinativo contido nesses textos pode, muitas vezes, não ser percebido pelo leitor, vez que a conjectura feita em relação aos gêneros informativos é a de apenas informar, de maneira imparcial e livre de opiniões, como fazem crer os veículos de imprensa.

Nos textos que integram o corpus, a escolha dos elementos introduzidos para a construção dos objetos discursivos é o fator mais representativo da opinião dos autores sobre os objetos referidos, da maneira como eles enxergam o fato. Sendo assim, a argumentatividade está presente nessas escolhas, que representam um recurso para persuadir o leitor sobre o ponto de vista adotado.

A orientação argumentativa está sempre presente nos textos, pois há um querer dizer. Quando se escolhe um vocabulário para fazer referência ao que se deseja retratar, as escolhas realizadas refletem a sua interpretação sobre o assunto. Por que um termo em lugar de outro? As palavras utilizadas na composição das reportagens demonstram uma visão, que o autor almeja que o leitor aceite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar o corpus, algumas considerações tornam-se possíveis. Com base na construção dos objetos discursivos, a identificação da argumentatividade nos textos constituintes do corpus pertencentes ao gênero jornalístico informativo fez-se clara. As palavras contextualizadas, utilizando-se do conceito de Citelli (2004), possuem carga de valor, e independentemente das afirmações ou conjecturas que se faça sobre um assunto, a opinião subjaz principalmente na forma de construir, designar, referir-se a um assunto ou a alguém. O grau de imparcialidade está também na carga atribuída aos elementos linguísticos que compõem essa construção.

O objeto discursivo construído no texto não é a representação do mundo real, mas a criação de um autor, a sua representação sobre o objeto de mundo, partindo de sua própria interpretação ou intenção discursiva, atribuindo informações que interessam ao seu objetivo discursivo.

Quando se escreve sobre alguém, não é possível informar todos os seus atributos, todos os fatos de sua vida ou mesmo a visão que todas as pessoas que a conhecem possuem sobre ela. O que se faz é transmitir as informações que traduzem a imagem que se fez sobre o objeto de mundo e que deseja transmitir. O autor almeja que o leitor enxergue o objeto à maneira como foi retratado, ou seja, a partir da seleção de informações que constam sobre ele no texto. Como numa personagem, sobre o objeto de discurso, o leitor somente saberá o que o autor permitir, o que for pertinente ao seu intento.

O apanhado de informações constrói a imagem do que seria uma determinada pessoa independente da realidade. Ainda que as características ou fatos sobre aquela pessoa não sejam totalmente reais, não é possível desfazer a imagem que os leitores internalizaram sobre ela. Para o leitor o que ele lê é o real, a realidade a que tem acesso. E forma a imagem sobre a pessoa retratada partindo do que leu a respeito dela. As informações disponíveis ao leitor sobre a pessoa retratada é o que ele sabe e, portanto, constitui seu recurso para conhecê-la, interpretá-la.

O conhecimento que se possui sobre alguém, por exemplo, é limitado, não é possível conhecer uma pessoa por inteiro, por todos os pontos de vista, e ainda que sim, não seria

possível retratar todos esses aspectos em um texto, principalmente textos curtos, como são os jornalísticos. É preciso, então, escolher. E os elementos textuais resultantes da escolha são a opinião, o ponto de vista adotado. Nos textos analisados, o valor e conteúdo semântico negativo em praticamente todos os elementos textuais utilizados na construção dos objetos apontam um valor opinativo contrário aos objetos centrais. A análise do ponto de vista adotado passa necessariamente pela análise desses elementos. Cada item lexical utilizado corresponde a uma característica ou informação que é fornecida em detrimento de outra.

Ao analisar as matérias do momento inicial da cobertura em comparação ao texto apresentado na edição pós-julgamento, pôde-se constatar que houve a adoção de um ponto de vista inicial, na primeira edição: sim, culpados. A perspectiva de culpabilidade adotada não necessitou de ajustes após a confirmação do veredicto de que são efetivamente culpados. O objeto *Nardoni* não precisou de recategorização após o julgamento, pelo contrário, houve a retomada da categorização empregada na primeira edição, haja vista foram retratados como *assassinos* desde o princípio.

Os integrantes comuns das sociedades têm acesso a casos e pessoas de notoriedade pública através das mídias, as informações disponíveis para que possam opinar são apenas as fornecidas por elas. Cabe ao leitor aceitar ou não o discurso recebido, porém não lhe é possível formar um ponto de vista baseando-se em outras informações, quando suas únicas fontes são os veículos da mídia e quando esses não abrem espaço para uma segunda versão ou opinião.

Ao optar pela não aceitação do discurso das mídias, nos casos em que são as únicas fontes de acesso para uma informação o leitor não tem como formar uma nova versão em sua mente, pois lhe faltará a completude dos fatos para que possa constituir uma visão diferente da apresentada.

Contudo, depois que uma versão é formada ou aceita uma imagem sobre o retratado se consolida na mente das pessoas. A retratação ou a negação das informações que colaboraram para a construção dessa imagem não tem influência significativa sobre a visão que se estabelece. As informações lidas transformam-se em visões irremediavelmente assimiladas.

Desde o início da cobertura, muito antes do julgamento, o casal foi tratado pela mídia como culpado. Os Nardoni foram julgados em 27 de março de 2010, por um júri popular

composto por oito pessoas. A banca do júri é sempre composta por pessoas comuns. Parte anônima da população. Todos leigos, inseridos na mesma sociedade dos acusados, como por *Veja*, em uma das reportagens. Alguns deles, por que não, leitores de *Veja*.

A sentença de condenação saiu quase dois anos após o homicídio de Isabella. Qual terá sido a data de condenação na mente de cada cidadão que leu as matérias sobre o crime? Culpados ou inocentes? A justiça determinou: culpados. Alguém duvidou?

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D. *Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques*. *Travauxneuchâtelois de linguistique* (TRANEL), n. 23, 1995, p. 143-173. Disponível em: <<http://denis.apotheloz.perso.sfr.fr/articles/Tranel23dA.pdf>>. Acesso em 13 Junho 2013.

_____. REICHLER-BÉGUELIN, M. J. *Construction de la référence et stratégies de désignation*. In : A. BERRENDONNER & m-J. REICHLER-BEGUELIN (eds.) *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1989. BARBOSA, S. *Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2002.

BARTHES, R. *Structure du fait divers*. In : *Essais critiques*. 1964. Disponível em: <<https://victorianpersistence.files.wordpress.com/2012/03/barthes-structure-du-faitdivers1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

BENTES, A. C.; RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. *Enfrentando desafios no campo de estudos do texto*. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCK, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Revisitando o estatuto do texto*. *Revista do GELNE, Piauí*, v.12, n.2, 2010. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34643498/art_gelne_monica_e_valdinar.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1549899896&Signature=alathMrzGQCQaDSRASC5hWmR5aI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DREVISITANDO_O_ESTATUTO_DO_TEXTO.pdf Acessado em: 10 janeiro 2019.

CAVALCANTE, M. M. Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____; CALIXTO DE LIMA, S. M. (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

_____; FARIA, Maria da Graça S. ; CARVALHO, A. P. L. . Sobre intertextualidades estritas e amplas. *Revista de Letras* , v. 2, p. 7-22, 2017.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2004.

CABRAL, A. L. T. *A força das palavras – Dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2010.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (Ed.) *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994.

_____. *Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais*. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

FRANCIS, G. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO - IVC. Disponível em: <<http://www.ivc.org.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2010.

KOCH, I. G. V. *A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva*. *Revista investigações*, v. 18, n. 2, 2005. Disponível em: <http://revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOSWEB/IngedoreKoch_A-CONSTRUCAO-DOS-SENTIDOS_Vol18-N2_Art01.pdf>. Acessado em: 13 junho 2013.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; *Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso*. *Revista veredas*, v. 12, 2009b. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap022.pdf>>. Acesso em 5 junho 2013.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. V. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; _____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; MARCUSCHI, L. A. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: contexto, 2010.

_____; MORATO, E.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1999.

LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. LAGE, N. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2006.

LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009. 152p. (Coleção TRANS).

LIMA, S. M. C; FELTES, H. P. M. *A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras*. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Org.) *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

MAGALHAES, L. A. *Jornal publica notícia velha na primeira página*. Observatório da imprensa, ed. 410, de 05 dez. 2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/circo-da-noticia/jornal-publica-noticia-velha-na-primeira-pagina/>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MENEGALDO, Karina. *Miss simpatia: a edificação do objeto discursivo Marina Silva em textos multimodais*. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 43, p. 981-1513, 2014.

MILNER, J. C. *Reflexões sobre a referência e a correferência*. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONDADA, L. Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets du discours. Lau-sanne: Université de Lausanne, 1994.

_____; DUBOIS, D. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Construction des objets de discours et catégorisation : une approche des processus de référenciation* (tradução Mônica Magalhães Cavalcante). Revista de letras da Universidade Federal do Ceará, n. 24. Ceará, 2002. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl24Art21.pdf>>. Acesso em 5 junho 2015.

_____; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In : A BERRENDONNER & M-J. REICHLER-BEGELIN (Eds.) *Du sintagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995.

PENA, F. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2010.

VEJA. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2010.

Karina MENEGALDO

Doutoranda do Programa de Linguística Aplicada e mestra em Linguística, ambos pelo Instituto da Linguagem - IEL, Unicamp. Na área editorial atua como editora-chefe da revista acadêmica *De Letra em Letra*, periódico vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), assistente editorial do periódico *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vinculado ao Departamento de Linguística Aplicada do IEL- Unicamp, e como editora associada do DOAJ. Exerce, ainda, atividades em coordenação de projeto de softwares educacionais e de grupos de pesquisa e presta consultoria educacional na área de linguagens e tecnologias voltadas à educação e à pesquisa; ministra cursos de curta duração nas áreas de escrita científica e de revisão de artigos em periódicos e, também, cursos voltados à análise de dados de pesquisa e letramento.

Recebido em 18/02/2020 - Aceito em 05/06/2020